

Taraxacum officinale WEBER (DENTE-DE-LEÃO) - UMA REVISÃO DAS PROPRIEDADES E POTENCIALIDADES MEDICINAIS

Marilena Ribeiro*, Adriana L. M. Albiero**, Maria Auxiliadora Milaneze-Gutierrez***

RIBEIRO, M.; ALBIERO, A.L.M.; MILANEZE-GUTIERRE, M.A. *Taraxacum officinale* Weber (dente-de-leão) - uma revisão das propriedades e potencialidades medicinais. *Arq. Apadec*, 8(2):46-49, 2004.

RESUMO. *Taraxacum officinale* pertence à família Asteraceae (Compositae). Popularmente conhecida como dente-de-leão, mostra-se como espécie ruderal com ampla distribuição geográfica. Esta espécie é fonte de vários princípios ativos e substâncias de valor alimentício, incluindo vitaminas e sais minerais. Embora pouco utilizada atualmente, foi usada em grande escala no passado, especialmente nos países da Europa e nos Estados Unidos. Esta revisão resgata suas principais propriedades e potencialidades para uso em programas sociais relacionados à medicina alternativa e alimentação.

PALAVRAS-CHAVE: *Taraxacum officinale*; dente-de-leão; Asteraceae; plantas medicinais.

RIBEIRO, M.; ALBIERO, A.L.M.; MILANEZE-GUTIERRE, M.A. *Taraxacum officinale* Weber (dandelion): a review of the medicinal properties and potentialities. *Arq. Apadec*, 8(2):46-49, 2004.

ABSTRACT. *Taraxacum officinale* belongs to the Asteraceae (Compositae) family. Known as dandelion, it is a species of wide geographic distribution. It is the source of several active principles and substances of alimentary value, including vitamins and mineral salts. Although few used currently, it was widely employed in the past, specially in European countries and in the United States. This paper reviews its properties and potentialities for use in social programs related to alternative medicine and nutrition.

KEY WORDS: *Taraxacum officinale*; dandelion; Asteraceae; medicinal plants.

INTRODUÇÃO

Assuntos relacionados às plantas medicinais levam, quase sempre, a algo miraculoso, associado à sabedoria popular, aos curandeiros e pajés de tribos indígenas e até mesmo aos raizeiros das feiras livres e mercados populares, das cidades do interior ou das capitais, que vendem a ilusão de cura rápida e tratamento eficaz para todas as doenças, sem efeitos nocivos para a saúde.

De acordo com SAVASTANO & Di STASI (1996) e Di STASI (1996), a sabedoria popular tem disseminado o uso das plantas medicinais através dos tempos, nas relações sociais do homem em sua comunidade, nos rituais religiosos, nas tradições folclóricas e nas relações familiares, desde o seu nascimento até sua morte.

As plantas medicinais representam uma fonte inesgotável de substâncias químicas, com aplicações muito variadas para o benefício do homem e da sociedade. Estudos criteriosos transformam as substâncias extraídas das espécies medicinais, denominadas de princípios ativos ou substâncias ativas, em medicamentos eficazes para o tratamento de muitas

doenças.

Segundo MARTINS et al. (1994), pelo menos a metade das espécies vegetais brasileiras pode apresentar alguma propriedade terapêutica útil à população. Entretanto, os estudos científicos são ainda insuficientes e muitos são realizados de forma descontinuada e permanecem com acesso restrito à grande maioria da população.

A veiculação de propagandas apelativas pelos meios de comunicação estimula o consumo de muitas plantas medicinais e seus derivados, ainda não elucidados completamente, enquanto, outras espécies, há muito estudadas e consumidas, têm sido colocadas em desuso.

DESENVOLVIMENTO

A família Asteraceae (Compositae) da qual destaca-se a espécie vegetal *Taraxacum officinale* (dente-de-leão), possui distribuição cosmopolita, estando melhor representada nas regiões temperadas e subtropicais, inclui aproximadamente 1.100 gêneros e 19.000 espécies (CRONQUIST, 1981).

Além do dente-de-leão muitas outras espécies

*Núcleo de Pesquisas em Limnologia e Aqüicultura (NUPELIA), Departamento de Biologia da Universidade Estadual de Maringá; **Departamento de Farmácia e Farmacologia, Universidade Estadual de Maringá; ***Departamento de Biologia, Universidade Estadual de Maringá. Avenida Colombo, 5790, Maringá-PR, CEP: 87020-900.

deste grupo são amplamente utilizadas na alimentação humana, como o alface (*Lactuca sativa*) e a chicória (*Cichorium intybus*) e na fitoterapia, como a arnica (*Arnica montana*), espécies de solidago (*Solidago* spp.), a artemisia (*Artemisia vulgaris*), a camomila (*Matricaria chamomilla*), a carqueja (*Baccharis trimera*), a losna ou absinto (*Artemisia absinthium*).

Diversos compostos químicos de interesse medicinal são encontrados nesta família, destacando-se as substâncias de sabor amargo, os óleos essenciais e os flavonóides.

O *T. officinale* é uma planta originária da Europa (SILVA et al., 1995; KISSMANN & GROTH, 1992; TESKE & TRENTINI, 1997), apresenta distribuição geográfica muito ampla, sendo encontrada, nativa ou aclimatada, desde os limites da zona glacial até quase na linha do equador (PIO CORREA, 1984). Segundo CORREA-JÚNIOR et al., (1991), pode ser encontrada em até 2000m de altitude, sem apresentar exigências especiais quanto à fertilidade do solo, sendo capaz de suportar geadas, sendo ainda, utilizada em ambos hemisférios como alimento e também para fins medicinais (KISSMANN & GROTH, 1992).

Muitas lendas acompanham o histórico desta espécie, como a de Thesaeus, que se alimentou de dente-de-leão após matar o minotauro; a que conta que Romanos, gauleses, celtas e tribos anglo-saxônicas usavam esta espécie como alimento e fitoterápico e também a dos chineses, que acreditavam que oferecendo tal espécie como presente a uma pessoa querida, e se ela conseguisse apanhar um de seus frutos alados, seria o sinal da conquista de uma nova amizade (KISSMANN & GROTH, 1992).

LORENZI (1991) afirma que *T. officinale* é considerada uma planta daninha muito freqüente no sul do Brasil, instalando-se em gramados, pastagens, jardins, hortas e lavouras.

KISSMANN & GROTH (1992), descrevem que esta espécie pode ocorrer em grande parte do território brasileiro, com maior freqüência nas regiões sudeste e sul, desenvolvendo-se com mais intensidade durante o inverno, visto estar melhor adaptada ao clima temperado.

Conhecida mais comumente como dente-de-leão e taráxaco esta espécie possui outros nomes populares, tais como: frango, quartilho, alface-de-côco, coroa-de-monge, dente-de-leão-dos-jardins, amargosa (LORENZI, 1991), alface-de-cão, radite bravo, salada de toupeira (CORREA-JÚNIOR et al., 1991), amor-dos-homens, soprão, chicória-louca e chicória-silvestre (PANIZZA, 1996).

Dentre as sinonímias científicas estão *Leontodon taraxacum* L., *Taraxacum dens-leonis* Desf. (PIO CORREA, 1984), *T. alpinum* C. Koch, *T. aureum* Fisch., *T. wallichii* DC., *T. vulgare* (Lam.) Shrank. (LORENZI, 1991) e *T. vulgare* Lum. Schrank (KISSMANN &

GROTH, 1992).

A origem do nome genérico *Taraxacum*, segundo KISSMANN & GROTH (1992), deve-se provavelmente a latinização da palavra “tarashgun”, do persa, que significa erva amarga, ou da palavra “tarakhshagun”, que em árabe, significa: chicória selvagem. Entretanto, BARROSO (1991) afirma que “taraxacum” é termo originado do grego, que significa: inquieto, perturbado, isto é, uma planta que revoluciona, perturba a barriga, devido as suas propriedades laxativas.

O epíteto *officinale*, é um adjetivo do latim, empregado no passado, para designar as plantas utilizadas pelos boticários, em suas “oficinas” para a preparação de medicamentos.

PANIZZA (1996) afirma que os frutos desta espécie assemelham-se a minúsculas presas, daí sua designação popular de dente-de-leão, entretanto, DAWSON (1991) e KISSMANN & GROTH (1992) afirmam que tal nome deve-se ao formato das folhas, profundamente lobado-serreadas semelhante aos dentes do leão.

A raiz de *T. officinale* é fusiforme, pivotante, carnosa, bem desenvolvida, dura e quebradiça, chegando a medir 30cm de comprimento, tendo de 5 a 20mm de diâmetro (COSTA, 1979; CORREA-JÚNIOR et al., 1991; KISSMANN & GROTH, 1992).

O caule é pequeno e composto por entrenós muito reduzidos (METCALFE & CHALK, 1979), sendo que alguns autores a consideram uma espécie acaule (COSTA, 1979; PIO CORRÊA, 1984; CORREA JÚNIOR et al., 1991; LORENZI, 1991).

De acordo com LORENZI (1991), as folhas estão dispostas em roseta, e desprovidas de tricomas, oblongas ou lanceoladas, muito polimorfas, geralmente runcinadas, segmentadas ou lobadas desiguais e apresentam látex branco (PANIZZA, 1996).

Segundo PIO CORRÊA (1984) e KISSMANN & GROTH (1992), *T. officinale* tem sido usado desde os tempos remotos na alimentação humana e animal, sendo que para fins medicinais, chegou a ser cultivada nos jardins dos mosteiros.

Apesar do conhecimento e aplicação popular e de suas propriedades medicinais, o dente-de-leão somente foi mencionado nos compêndios terapêuticos a partir do século XV, por suas propriedades diuréticas e também como excelente vulnerário. No início do século XX foi intensamente explorado nas chamadas taraxocoterapias, sendo mundialmente comercializado (KISSMANN & GROTH, 1992).

A partir do século XVI *T. officinale* passou a ser reconhecido como droga vegetal pelos boticários, sendo considerada uma das ervas mais ativas e seguras como diurética e uma das melhores indicações para tratar transtornos hepáticos (TESKE & TRENTINI, 1997).

DAWSON (1991) afirma que há citações do século XIX que atestam o uso desta espécie, como nas obras "The dogmaticus or family physician" do Dr. Joseph Smith e no "Relatório sobre botânica medicinal" da Associação Médica Norte-Americana.

Nas décadas de 40 e 50 os Estados Unidos importavam até 50 toneladas anuais de raízes desta espécie, as quais somadas à produção nacional, representavam expressivas quantidades destinadas ao uso na medicina popular (KISSMANN & GROTH, 1992).

Atualmente, *T. officinale* encontra-se inscrito em muitas Farmacopéias, como por exemplo: a suíça, húngara, russa, polonesa, austríaca, chinesa e britânica, além de ser considerada um aromatizante natural, podendo ser adicionada aos alimentos em pequena quantidade (ALONSO, 2000; NEWALL et al., 2002).

Mesmo com palatabilidade ruim, a parte aérea desta espécie é consumida por herbívoros, e as raízes atacadas por roedores. As flores são úteis para a apicultura, fornecendo pólen e néctar.

PANIZZA (1996) sugere que as raízes e as folhas novas sejam consumidas como salada, e juntamente com os capítulos florais podem ser secas ao sol, ou em local ventilado e sem umidade, para serem consumidos em forma de chás, ou também podem ser cozidas e consumidas em substituição ao espinafre.

Por sua vez PIO CORRÊA (1984) cita que as raízes podem ser torradas para preparação de uma bebida que substitui o café tradicional, popularmente conhecido como café-de-chicória.

Na Inglaterra da época vitoriana era preparado o denominado "Dandelion Wine", a partir dos capítulos florais do *T. officinale* frescos, macerados em água juntamente com açúcar, levedura de cerveja, uvas passas, sumos e polpa de laranja e limão (ALONSO, 2000).

As sementes podem ser consumidas, excluindo-se o papilho (KISSMANN & GROTH, 1992).

Segundo COSTA (1979), o verão é a melhor época do ano para obtenção dos princípios ativos contidos no látex desta espécie e PANIZZA (1996) recomenda a coleta das raízes no outono, enquanto que as folhas e os capítulos florais, antes de abrir, podem ser colhidos em qualquer época do ano.

T. officinale é rico em minerais como o ferro, cobre e potássio, apresenta as vitaminas B₁, PP e D (COSTA, 1979; TESKE & TRENTINI, 1997) e contém mais vitaminas A (14.000 UI/100g) e C que a maioria dos vegetais (KISSMANN & GROTH, 1992; ALONSO, 2000).

Entre as substâncias extraídas desta planta destacam-se os derivados terpênicos taraxerol e taraxasterol e o glicosídeo taraxacosídeo (Figura 1 A e B) (TESKE & TRENTINI, 1997), além de esteróis (β -sitosterol, estigmasterol), cauchu, resinas, vestígios de

essências, corpos gordurosos, levulose, um polí-holósido de galactose e arabinose, ácido caféico, p-hidroxi-fenil-acético, asparagina, tirosina (COSTA, 1979), colina, levulina e pectina (KISSMANN & GROTH, 1992), taninos, carotenóides, fitosterol (PANIZZA, 1996), β -amirina, flavonóides, ácido cítrico, aminoácidos, saponinas e inulina (TESKE & TRENTINI, 1997).

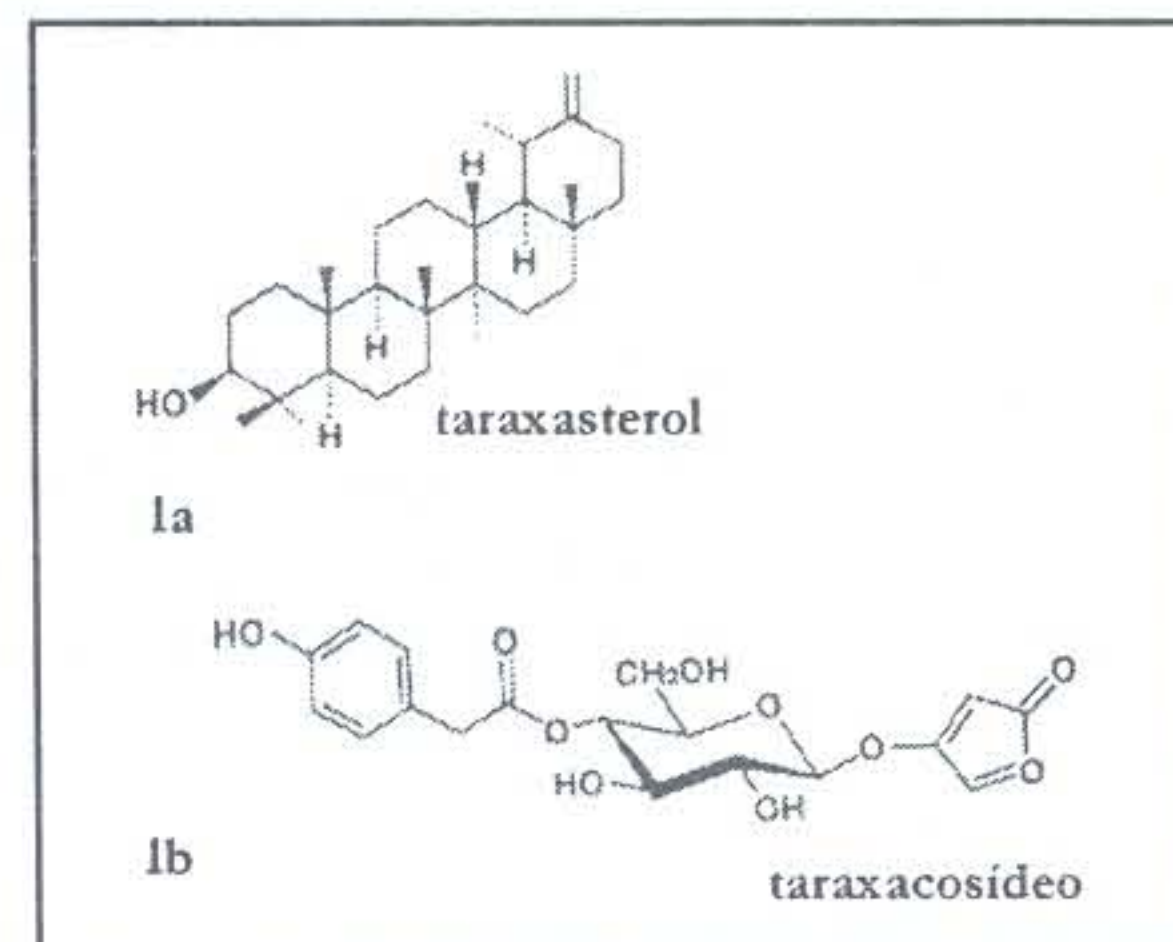


Figura 1. Princípios ativos encontrados em *Taraxacum officinale*. 1a. taraxasterol; 1b. taraxacosídeo.

Segundo CORREA-JÚNIOR et al. (1991) e ALONSO (2000) as raízes contêm de 25% a 38% de inulina, resina e derivados triterpênicos de sabor amargo, e lactonas sesquiterpênicas, representadas pela taraxicina.

Sua riqueza em zinco confere-lhe ação anti-radicaís livres, sendo capaz de proteger as células hepáticas de danos indiretos, e seu alto teor de potássio assegura um melhor controle de espoliação pela via urinária. Ao ser usada em experiências com ratos, revelou moderada ação antiinflamatória, diminuindo os acessos de dor e as desordens reumáticas (TESKE & TRENTINI, 1997).

Além das propriedades diuréticas, a espécie apresenta propriedades levemente laxantes, estimulante da secreção de suco gástrico, além de atividade colerética, colagoga, depurativa, antireumática, antiescorbútica, podendo ser utilizada contra prisão de ventre, moléstias da pele do rosto (pruridos, eczemas, escamações e vermelhidão), acidoses, cefaléias, icterícia e distúrbios de ácido úrico (LORENZI, 1991; KISSMANN & GROTH, 1992; SILVA et al., 1995; PANIZZA, 1996; TESKE & TRENTINI, 1997).

Sobre o tecido conjuntivo, exerce uma grande influência, aumentando sua irrigação, bem como influência sobre a formação de cálculos biliares, modificando os casos de predisposição a esta patologia (TESKE & TRENTINI, 1997).

A infusão das raízes frescas pode ser utilizada para o tratamento de cálculos biliares, estados iniciais de cirrose hepática e hepatite, na medida de 1 colher das de sopas, para 100ml de água. O decocto, preparado a 10%, também é empregado a medida de 2

a 3 xícaras de chá (100ml), diárias. O suco fresco das folhas, obtido por expressão, pode ser consumido na dosagem de 1 a 2 colheres das de sopa por dia (ALONSO, 2000).

Na forma de extrato seco (5:1) podem ser administrados de 0,5 a 2g diariamente, distribuídas em 2 ou 3 doses, bem como o extrato fluído (1g = 31 gotas), que pode ser tomado 2 a 3 vezes ao dia em doses de 4 a 18g (ALONSO, 2000).

Doses diferenciadas para folhas e raízes de *T. officinale*, estão mencionadas na BRITISH HERBAL PHARMACOPOEIA (1996), sendo para as folhas dessecadas ou do infuso, doses de 4 a 10g, 3 vezes ao dia e para o extrato fluído 1:1 em álcool etílico 25%, doses de 4 a 10ml, também 3 vezes ao dia.

O mesmo compêndio menciona doses de 2 a 8g da raiz dessecada, do infuso ou do decocto, em 3 doses diárias, além de dosagens de 2 a 8ml para o extrato fluído e de 5 a 10ml para a tintura.

Efeitos adversos ou tóxicos graves para *T. officinale*, ainda não foram relatados, quando consumido nas quantidades usuais ou como alimento. Entretanto, vale observar que foram relatadas leve hipotensão, devido ao efeito diurético, e também dermatites de contato em pessoas hipersensíveis às lactonas sesquiterpênicas do látex (ALONSO, 2000).

Esta espécie é ainda contra-indicada nos casos de oclusão do ducto biliar, e o consumo em excesso, pode acarretar irritação do trato gastrointestinal (TESKE & TRENTINI, 1997).

A sua toxicidade aguda parece ser baixa, sendo os valores de DL₅₀ estimados em 36,8 g/kg e 28,8 g/kg, para a raiz e para planta como um todo, respectivamente (NEWALL et al., 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de espécies vegetais potencialmente medicinais deve ser difundido entre a população mediante critérios previamente estabelecidos pela pesquisa científica, dentre as quais estão as revisões bibliográficas que resgatam informações indispensáveis quanto a sua composição química, bem como a correta utilização do fitoterápico.

As informações resgatadas sobre *T. officinale* permitem admiti-la como uma espécie de alto valor, tanto do ponto de vista alimentício quanto medicinal, devendo ser melhor explorada pelos programas sociais que visam a implantação de terapias alternativas, com baixo custo, para a melhoria da qualidade de vida das populações mais carentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, J.R. *Tratado de fitomedicina, bases clínicas e farmacológicas*. Buenos Aires: Ediciones SRL, 2000. 743p.

BARROSO, G.M. *Sistemática das angiospermas do Brasil*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1991. 398p.

BRITISH HERBAL PHARMACOPOEIA. 4.ed. Bournemouth: British Herbal Medicine Association, 1996. 255p.

CORREA-JÚNIOR, C.; LIN, C.M.; SCHEFFER, M.C. *Cultivo de plantas medicinais, condimentares e aromáticas*. Curitiba: Emater, 1991. 93p.

COSTA, A.F. *Farmacognosia*. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979. v.2. 1010p.

CRONQUIST, A. *An integrated system of classification of flowering plants*. New York: Columbia University Press, 1981. p.1021-1028.

DAWSON, A.G. *O poder as ervas*. São Paulo: Best Seller, 1991. 274p.

Di STASI, L.C. Arte, ciência e magia. In: Di STASI, L.C. (org.) *Plantas medicinais: arte e ciência*. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Editora da UNESP, 1996. p.15-27.

KISSMANN, K.G.; GROTH, D. *Plantas infestantes e nocivas*. São Paulo: BASF Brasileira S.A., 1992. t.2. p.358-362.

LORENZI, H. *Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas, tóxicas e medicinais*. 2.ed. Nova Odessa, SP: Editora Plantarum, 1991. p.107.

MARTINS, E.R.; CASTRO, D.M.; CASTELLANI, D.C.; DIAS, J.E. *Plantas medicinais*. Viçosa: UFV, 1994. 220 p.

METCALFE, C.R.; CHALK, L. *Anatomy of the dicotyledons*. Oxford: Clarendon Press, 1979. v.2. p.783-804.

NEWALL, C.A.; ANDERSON, L.A.; PHILLIPSON, J.D. *Plantas medicinais, guia para profissional de saúde*. São Paulo: Editorial Premier, 2002. 354p.

PANIZZA, S. *Plantas que curam (cheiro do mato)*. 16.ed. São Paulo: IBRASA, 1996. 279p.

PIO CORREA, M. *Dicionário da plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, 1984. v.2. p.525-6.

SAVASTANO, M.A.P.; Di STASI, L.C. Folclore: conceitos e metodologia. In: Di STASI, L.C. (org.) *Plantas medicinais: arte e ciência*. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Editora da UNESP, 1996. p.37-45.

SILVA, I. et al. *Noções sobre o organismo humano e a utilização de plantas medicinais*. 4.ed. Cascavel: Assoeste, 1995. p.130-131.

TESKE, M.; TRENTINI, A.M.M. *Compêndio de fitoterapia*. 3.ed. Curitiba: Herbarium, 1997. p.120-121.

Recebido em: 27.06.03

Accito em: 10.12.03